

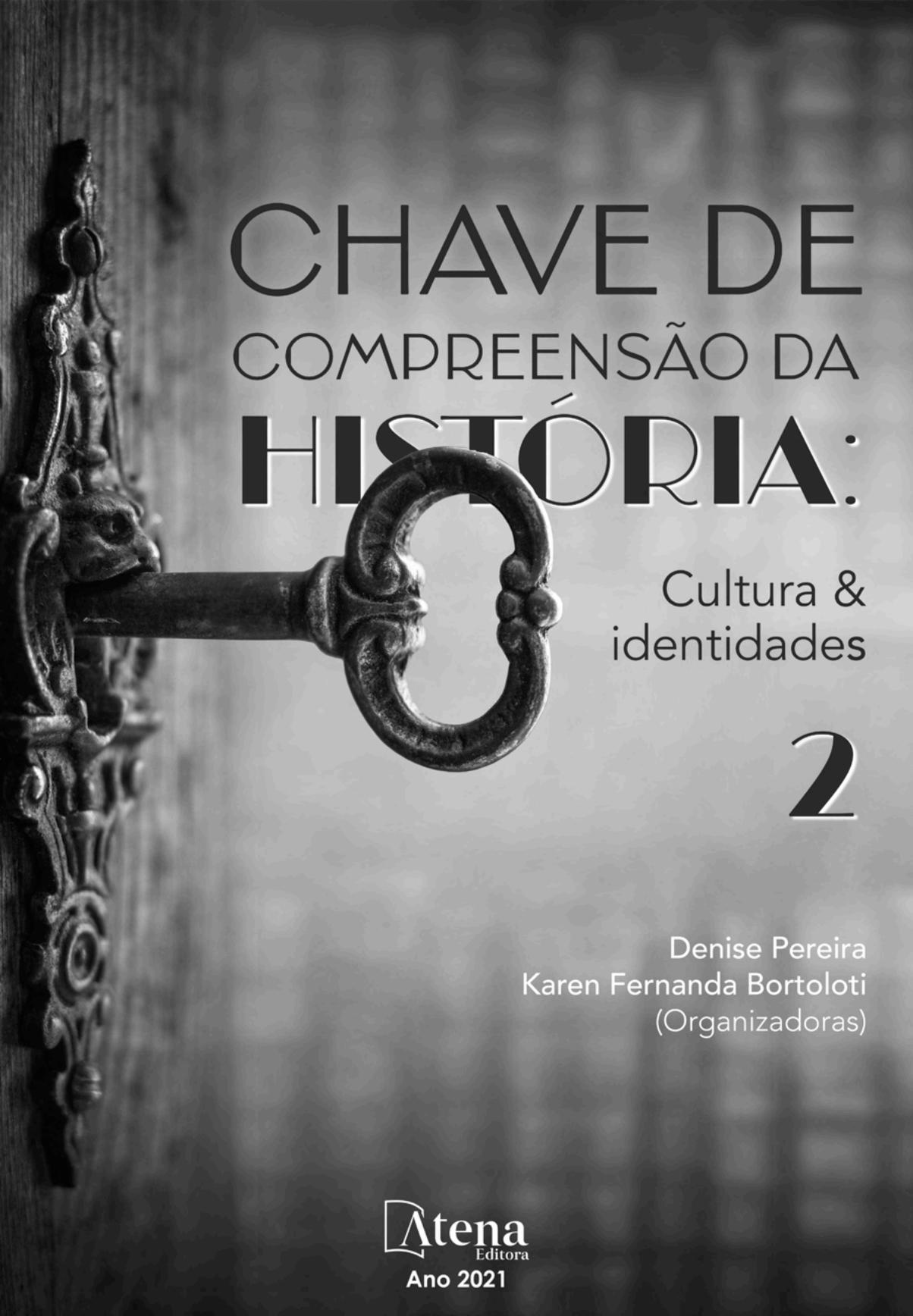
# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2

**Diagramação:** Gabriel Motomu Teshima  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C512 Chave de compreensão da história: cultura & identidades 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-748-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.489211412>

1. História. 2. Cultura. 3. Identidades. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

Ainda que sem nos darmos conta, estamos, cotidianamente, refletindo acerca da sociedade em que vivemos. Cada vez que nos questionamos: “como isso foi possível?” ao nos surpreendermos com uma notícia estampada na rede, estamos pensando sobre os rumos que a sociedade está tomando, portanto, nos questionando e refletindo sobre a sociedade que vivemos. A cultura, como um produto social, tem, certamente, um grande impacto em nossa compreensão como sujeito, portanto, entrelaçar historicamente essas duas discussões, qualifica essas reflexões de forma incontestável.

Ao pensar historicamente uma questão central é como a cultura é essencial aos indivíduos para refletirem sobre suas ações no tempo e a construção de identidades tão diversas. Neste sentido, pensar em história requer pensar em cultura, justamente porque ao estudar a multiplicidade deste conceito desvendaremos as questões inseridas em nosso dia a dia com o objetivo de possibilitar melhor compreensão de todos os fenômenos que estão imersos no cotidiano e impactam em nosso posicionamento no mundo.

Neste momento, em que presenciamos discussões cada vez mais acirradas sobre as identidades, é importante retomarmos os ensinamentos que nos foram legados pelo antropólogo Clifford Geertz de que a cultura é um “sistema simbólico”, uma teia de significados que carrega mecanismos de controle para governar o comportamento. É construída a partir de valores e crenças, de códigos morais e hábitos que são socialmente erigidos, transmitidos, aprendidos por meio de signos e símbolos. Ela contribui para regular e padronizar atitudes e emoções, contribui, historicamente, para a elaboração de identidades.

Este e-book é sem dúvida, um convite a reconhecer no “outro”, naquele que a princípio enxergamos através de pré-conceitos e pré-julgamentos, alguém com quem podemos potencialmente aprender, com quem podemos nos modificar e que também podemos transformar.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira  
Karen Fernanda Bortoloti

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL

Élcia de Torres Bandeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114121>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

CURIMBA ONLINE: ESTRATÉGIAS MUDIÁTICAS DURANTE A PANDEMIA E ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE SÃO GONÇALO, 2020

Camilla Fogaça Aguiar

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114122>

### **CAPÍTULO 3..... 28**

PENSANDO A HISTÓRIA E O TEMPO PRESENTE: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DAS REVENDEDORAS DE COSMÉTICOS E A SUA NARRATIVA NO MUNDO DO DIREITO

Bárbara Galli de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114123>

### **CAPÍTULO 4..... 37**

HISTÓRIA E MEMÓRIA: DIÁLOGOS PELA AUTONOMIA TERRITORIAL NA COMUNIDADE QUILOMBOLA LAGOA DE MELQUÍADES E AMÂNCIO

Jonatan Dos Santos Silva

Viviane Sales Oliveira

Felipe Eduardo Ferreira Marta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114124>

### **CAPÍTULO 5..... 49**

POLÍTICAS INDÍGENAS E O SER INDÍGENA NA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE

Ivan Pereira Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114125>

### **CAPÍTULO 6..... 62**

O “HOMEM PLURAL” E O PLURALISMO RELIGIOSO

Maylle Alves Benício

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114126>

### **CAPÍTULO 7..... 74**

JOSEPH RATZINGER E LEONARDO BOFF: ALGUNS PONTOS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO

Danillo Rangell Pinheiro Pereira.

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114127>

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
“ESPÍRITO BRANCO EM BUSCA DE ALMAS NEGRAS” COLONIALISMO E MISSÕES CATÓLICAS: CONHECER PARA CATEQUISAR E DOMINAR. SUL DE MOÇAMBIQUE (FINAL DO SÉCULO XIX )	
Denilson Lessa Dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114128">https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114128</a>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
O TESTAMENTO DE DOM EMANUEL GOMES DE OLIVEIRA, UMA ANÁLISE HISTÓRICA	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114129">https://doi.org/10.22533/at.ed.4892114129</a>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
HISTORIOGRAFIA E CATOLICISMO: DONOSO CORTÉS E OS RUMOS DA MODERNIDADE HISTÓRICA	
Roney Marcos Pavani	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141210">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141210</a>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>128</b>
DOM AUGUSTO ÁLVARO DA SILVA: FÉ E POLÍTICA	
Solange Dias de Santana Alves	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141211">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141211</a>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>143</b>
SCIENTIFIC DISCOURSE MODELING: A SEMIOTIC VIEW	
Marcus Vinicius Dos Santos Claro	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141212">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141212</a>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>152</b>
ARQUEOASTRONOMIA: A CONSTRUÇÃO DE URUK E A INFLUÊNCIA DOS CÉUS	
Leonardo Birnfeld Kurtz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141213">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141213</a>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>166</b>
O GUERRILHEIRO HEROICO: FOTOGRAFIA E GÊNERO	
Andréa Mazurok Schactae	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141214">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141214</a>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>179</b>
ATHÉNAÏS MICHELET: UMA TRAJETÓRIA APAGADA	
Aline Dal'Maso	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141215">https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141215</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>192</b>
AS VISÕES DA DIPLOMACIA ESTADUNIDENSE SOBRE AS FORÇAS ARMADAS	

BRASILEIRAS NO GOVERNO JK (1956-61): APONTAMENTOS INICIAIS DE PESQUISA

Vinícius Marcondes Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.48921141216>

**SOBRE AS ORGANIZADORAS.....204**

**ÍNDICE REMISSIVO.....205**

# CAPÍTULO 13

## ARQUEOASTRONOMIA: A CONSTRUÇÃO DE URUK E A INFLUÊNCIA DOS CÉUS

Data de aceite: 01/12/2021

Data de Submissão: 07/10/2021

**Leonardo Birnfeld Kurtz**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS  
Porto Alegre - RS  
<http://lattes.cnpq.br/8812490788538940>

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar a definição e possíveis usos da Arqueoastronomia no estudo da História. Como exemplo principal para cumprir a proposta, propõe-se descrever o processo de método e análise utilizado na construção do trabalho de conclusão do presente autor: Lendo o Céu: A Influência da Religião na “Fusão de Uruk” (3500-3100 a.C.). Podemos entender a Arqueoastronomia como o estudo da forma com que diferentes povos do passado percebiam, interpretavam e registravam eventos astronômicos, e de que maneira os eventos influenciavam a cultura. Através de uma breve história da Arqueoastronomia e de exemplos do seu uso, almeja-se apresentar um novo horizonte de possíveis hipóteses no estudo da História Antiga, especialmente quando as ferramentas de coleta não dependem de observatórios como nos primeiros estudos, mas estão próximas e gratuitas.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Antiga, Arqueoastronomia, Mesopotâmia.

### ARCHAEOASTRONOMY: THE CONSTRUCTION OF URUK AND THE INFLUENCE OF THE SKIES

**ABSTRACT:** This paper aims to present the definition and possible usages of Archaeoastronomy in History Studies. As a main example, the methodological and analytical processes which composed the author’s graduation thesis “Reading the sky: The influence of religion in “Uruk’s Fusion” (3500-3100 B.C.E.) will be described. We may understand Archaeoastronomy as the study of how different ancient societies perceived, interpreted and registered astronomical events, and in what ways those events influenced their cultures. Through a brief history of Archeoastronomy and examples of its usages, this paper aims to present a new horizon of possible hypotheses in the study of Ancient History, especially when the tools for data collection are not dependent of observatories (which was the case of previous studies) but are indeed close and free to use.

**KEYWORDS:** AncientHistory, Archaeoastronomy, Mesopotamia.

### 1 | ARQUEOASTRONOMIA: CONCEITO E USO

Helaine Selin, na introdução de “Science Across Cultures: The History of Non-Western Science”, posiciona o estudo do céu como a primeira ciência, na qual diferentes culturas realizaram uma dupla ação ao observar os eventos celestes: dar sentido ao que se via e usar o que se via para dar sentido. A obra

organizada por Selin contou com 21 estudiosos abrangendo diferentes temporalidades, culturas e contextos geográficos. Para o leitor, fica clara a formação de um mosaico capaz de trazer as práticas de diferentes grupos humanos: Maias, Egípcios, Chineses, Japoneses, Babilônicos, Havaianos, entre diversos outros (SELIN, 2000). Obras desta envergadura produzem importantes questões historiográficas: qual o objetivo de dissecar a historicidade das práticas Astronômicas e Astrológicas? Qual o espaço deste estudo na história? Essas são as questões que balizarão este primeiro momento narrativo.

Antes de tratar do conceito e uso da Arqueoastronomia é importante discutir outros dois: Astronomia e Astrologia. Evidentemente, quando pensamos na contemporaneidade, o significado desses conceitos abriga uma diferenciação clara. Em geral, entende-se por Astronomia a ciência de caráter exato, componente da física, que busca compreender como a estrutura física do nosso universo evoluiu, ao mesmo tempo que fórmula as leis naturais que governam os elementos que compõem o cosmos (BOBRICK, 2005). Apresenta uma concepção naturalista do mundo, no qual tudo que forma o universo é quantificável e obedece a determinados princípios físicos (DESCOLA, 2014). Já a Astrologia descreve a influência dos corpos celestes no caráter e na vida humana (BOBRICK, 2005). Em uma visão geral, é possível dizer que, historicamente, no ocidente, a Astronomia “se fez ser” a partir da sua diferenciação com a Astrologia. Entretanto, quando observamos as práticas do estudo do céu a partir de povos da antiguidade, a fronteira entre Astrologia e Astronomia advém artificialmente daquele que os estuda. Afirmando este argumento a partir de dois exemplos, um historiográfico e outro ontológico.

Observemos a forma como Michael Baigent, Francesca Rochberg, Benson Bobrick, Helaine Selin e Xiaochun Sun trabalham com seus conceitos. Baigent e Bobrick compõem, desde o título de suas obras, o uso de Astrologia para fazer referência às diversas práticas de estudo do céu<sup>1</sup>, porém, usam Astronomia para enfatizar a prática de cálculo que era empregada (BAIGENT, 2015; BOBRICK, 2010). Rochberg muitas vezes escreve “Astrologia/Astronomia” para demonstrar a intersecção desses conceitos no seu objeto de estudo e afirma, em determinado momento: “Astronomia e Astrologia, separáveis mais em termos de texto e menos como uma questão de domínio intelectual” (ROCHBERG, p. 28, 2016). Selin, Xiaochun e os 21 outros autores que compuseram a obra que organizaram, utilizam o conceito de Astronomia para compor os títulos de cada capítulo, ao mesmo tempo que observamos os autores defenderem que na maioria dos casos os conceitos não são separáveis (SELIN, 2000). Que conclusão podemos retirar desses rápidos exemplos? Considero dois aspectos importantes: primeiro, que existe um consenso quanto à inseparabilidade dos conceitos e que, mesmo com os autores formando os títulos de suas obras usando diferentes termos, eles concebem a mesma interpretação de que não basta observar apenas os métodos de cálculo, mas, sim, que é imperativo estudar a cultura

<sup>1</sup> Respetivos títulos: “Astrology in Ancient Mesopotamia: The Science of Omens and the Knowledge of the Heavens” e “The Fated Sky: Astrology in History”.

imbricada no estudo do céu; segundo, podemos observar a tendência de, ao enfatizar os métodos de cálculo, utilizar Astronomia e, ao focar nas interpretações que os eventos cósmicos teriam no ser humano, Astrologia.

Tendo essa discussão conceitual em mente, passamos para a Arqueoastronomia, sua definição e exemplos de uso. Anthony F. Aveni, antropólogo e astrônomo estadunidense cuja área de concentração é o estudo das civilizações pré-colombianas, define a Arqueoastronomia como o local de encontro de três importantes compreensões acerca da astronomia antiga. A primeira seria como um campo metodológico praticado pelos profissionais de ciências exatas como astrônomos e engenheiros, seu uso busca extrair informações de caráter matemático de fontes antigas. Nesse caso, não há uma preocupação com os aspectos culturais agregados a essas informações. A segunda é a História da Astronomia, disciplina do campo das ciências que se preocupa com as diferentes formas de aquisição de conhecimento Astronômico (da forma como é entendido contemporaneamente) a partir de outras civilizações. A terceira é a Etnoastronomia, uma ramificação da antropologia que se baseia nas evidências etnohistóricas e etnográficas para relacionar cultura e os eventos astronômicos (AVENI, 1981). Nesse sentido, a Arqueoastronomia é um estudo interdisciplinar com os campos anteriormente descritos, uma espécie de síntese entre os interesses das ciências humanas e exatas.

Noah Brosch, astrônomo, astrofísico e pesquisador espacial israelense, restringe o conceito como o estudo de qualquer artefato (no conceito arqueológico) que pode ser associado com objetos celestiais, porém, explica que sua conceituação delimitada é resultado do trabalho específico que empreende o estudo de diferentes sítios arqueológicos que podem ser conectados com práticas astronômicas/astrológicas. Desenvolve também um “estado da arte” da conceituação e apresenta ao leitor outras três definições. Uma encontrada na Wikipédia: “o estudo de como as pessoas do passado entendiam os fenômenos do céu, como os usavam e qual era o papel do céu em suas culturas”. A segunda advém do professor de Arqueoastronomia na Universidade de Leicester, Clive Ruggles: “o estudo das crenças e práticas relacionadas ao céu no passado, especialmente na pré-história, e os usos que as pessoas davam para o conhecimento do céu”. E o último extraído do *website* do centro de Arqueoastronomia da Universidade de Maryland: “o estudo das práticas astronômicas, do conhecimento celestial, mitologias, religiões e formas de ver o mundo pelas culturas antigas” (BROSCH, 2010).

Com o intuito de amarrar essas definições, podemos compreender, de forma mais ampliada possível, que a Arqueoastronomia é o estudo da forma com que diferentes povos do passado percebiam, interpretavam e registravam eventos astronômicos, e de que maneira os eventos influenciavam a cultura (AVENI, 1981; BAIGENT, 2015; BOBRICK, 2010; SELIN, 2000). Quanto às fontes utilizáveis neste estudo, é de suma importância conhecer o estudo contemporâneo da Astronomia, os movimentos dos planetas, as estrelas que compunham o horizonte noturno, os ciclos observáveis e uma diversidade de fenômenos cósmicos.

Associado a este conhecimento, o profissional que pretende se debruçar sobre este campo deve investigar as fontes capazes de fornecer informações sobre as percepções dos seres humanos do passado com o céu observável. Podemos destacar dois tipos recorrentes: fontes escritas (calendários, diários de observação, narrativas mitológicas, entre outras) e as fontes materiais (artefatos ou mesmo construções). Porém qual uso fazer dessas fontes? Existem três formas constantemente vistas na prática deste estudo: a verificação de alinhamento de construções antigas com corpos celestes e eventos astronômicos; a datação e verificação de eventos descritos em outras fontes, de forma que se assegure a veracidade ou se torne possível datar um evento com precisão; e a busca por conexões entre práticas culturais e eventos astronômicos<sup>2</sup>. Com os conceitos em mente, é imperativo apresentar exemplos concretos deste campo de estudo. Para isso, se apresentarão três casos.

### 1.1 As pirâmides e o Stonehenge: primeiros passos

O precursor de uma metodologia de aplicação para a Arqueoastronomia foi o astrônomo britânico, e editor da revista *Nature*, Sir. J. Norman Lockyer, ao publicar *The Dawn of Astronomy* em 1894 (AVENI, 1981). Lockyer acreditava que praticamente todas as pirâmides do Antigo Egito, assim como seus templos, estavam alinhadas com algum corpo celeste e/ou padrões de luz ao longo do passar do ano (LOCKYER, 1894). Ao longo do seu trabalho, foi duramente criticado por arqueólogos e egiptólogos por criar hipóteses demasiadamente amplas e alterar os elementos iniciais de suas ideias para adequar à sua hipótese.

Os alinhamentos das construções, em geral, eram feitos a partir de estrelas de grande magnitude que estariam no céu do período em que a obra foi realizada. O problema surgia quando essa estrela não se adequava ao alinhamento e, conseqüentemente, Lockyer passava a defender o alinhamento estelar a partir de uma nova estrela, normalmente com menos magnitude. Quando estipulava e “afirmava” um alinhamento, Lockyer determinava uma data para a própria construção da obra. Ainda que suas conclusões fossem precipitadas, os métodos utilizados para adquirir os dados desejados ainda são utilizados (cálculos para determinar a posição de uma estrela no passado, o uso do teodolito para verificar alinhamento e a observância dos padrões de luz que afetam a construção) (AVENI, 1981).

Outro aspecto importante de se ressaltar em Lockyer foi sua preocupação com o sentido que esses alinhamentos teriam, assim como o estudo das práticas antigas conectadas ao estudo do céu. As fontes utilizadas rumavam para além da astronomia, observando as estruturas das construções e as diversas inscrições hieroglíficas que faziam referência a elementos cósmicos (LOCKYER, 1894).

---

<sup>2</sup> Realizo essa afirmação a partir do estudo das obras de AVENI, 1981; BAIGENT, 2015; BERTI, 2010; BOBRICK, 2010; BROSCHE, 2010; JACOBSEN, 1976; OPPENHEIM, 1977; ROCHBERG, 2016; SWERDLOW, 1998. Através desses autores é possível observar formas de abordagem acerca das práticas de Astronomia/Astrologia da antiguidade.

Egyptian month.	Tropical month.	Ramesseum.	Efû.
1. Thoth	June—July	Teχi	Teχ
2. Phaophi	July—Aug.	Ptah (Ptah-res-aneb-f)	Ptah Menχ
3. Athyr	Aug.—Sep.	Hathor	?
4. Choiach	Sep.—Oct.	Paχt	Kehek
5. Tybi	Oct.—Nov.	Min	Set-but
6. Menchir	Nov.—Dec.	Jackal (rekh-ur)	Hippopotamus (rekh-ur)
7. Phamenoth	Dec.—Jan.	„ (rekh-netches)	Hippopotamus (rekh-netches)
8. Pharmuthi	Jan.—Feb.	Rennuti	Renen
9. Pachons	Feb.—Mar.	χensu	χensu
10. Payni	Mar.—Ap.	Horus (χonti)	Horus (Hor-χent-χati)
11. Epiphi	Ap.—May	Âpet	Âpet
12. Messori	May—June	Horus (Hor m-χut)	Horus (Hor-ra-m-χut)

Figura 1 – A relação dos meses e estrelas guias

Fonte: Lockyer (1894)

Em 1963 e 1964, o astrônomo britânico Gerald Hawkins publicou uma série de artigos e, posteriormente, um livro “Stonehenge Decoded” (1965) nos quais defendeu que o conjunto megalítico de Stonehenge seria um computador. Justificava que a estrutura era capaz de prever eclipses da lua a partir de 56 poços de giz (*Aubrey holes*) através da seguinte relação: os eclipses ocorrem em média uma vez ao ano em um ciclo de 346,62 dias. Entretanto, nem todo eclipse é visível, pois pode ocorrer em um momento em que a lua não esteja no horizonte, porém a cada 18,61 anos a data e a posição de um eclipse voltam para a posição original no horizonte. A relação que Hawkins fez foi a de que três ciclos de 18,61 anos resultam em 55,83 e, portanto, muito próximo do número de poços encontrados, 56. Cada um, dos poços, seria utilizado para marcar esta longa passagem de tempo (HAWKINS, 1965).

Atualmente, não se descarta que as estruturas de Stonehenge tivessem seguido algum tipo de relação com eventos astronômicos, porém a teoria de Hawkins não se assenta. Primeiro, pois as estruturas nas quais Hawkins traçou seus parâmetros de cálculo reservam datas de construção diferentes. Segundo, a cada ciclo de três conjuntos de 18,61 anos, a posição e o dia do eclipse lunar não se repetem. Terceiro, uma espécie de supervalorização da tecnologia dos bretões que começaram a construir no local ao final do quarto milênio antes de Cristo (AVENI, 1981). Esse aspecto pode ter sido fruto da própria valorização que Hawkins deu à sua hipótese e método, resultando em uma espécie de “visão de túnel”:

A outra possível razão para a astúcia astronômica e artifício de Stonehenge é, devo admitir, minha própria invenção. Eu penso que os homens que

planejaram as diversas partes, e até mesmo aqueles homens que ajudaram a construir estas partes, apreciavam o exercício mental para além do dever. Eu penso que quando eles resolveram o problema do alinhamento eficientemente [...] eles fizeram para si novos desafios, tentando mais difíceis, recompensadoras e espetaculares soluções, parte para a grandeza de deus, mas parte pelo prazer do homem, o animal pensante [...] (HAWKINGS, p. 117, tradução nossa).

Através desse trecho o leitor pode vislumbrar, em parte, a visão de Hawkins acerca do seu objeto de estudo, marcada por um certo romantismo deste homem antigo que teria paixões parecidas ao contemporâneo. Ainda assim, o trabalho desse astrônomo se assemelha à iniciativa de Lockyer, ambos precursores de novas hipóteses marcadas pela aplicação de práticas astronômicas. No período da construção de sua ideia, Hawkins utilizou um computador IBM 7090 e o auxílio de programadores para calcular as possibilidades de alinhamento que superavam 27.060 em 165 posições diferentes dentro do complexo do Stonehenge. O uso do computador, para o teste matemático das teorias, demonstra a preocupação do astrônomo em traçar um método e provar suas ideias, ainda que suas hipóteses não se tenham assentado.

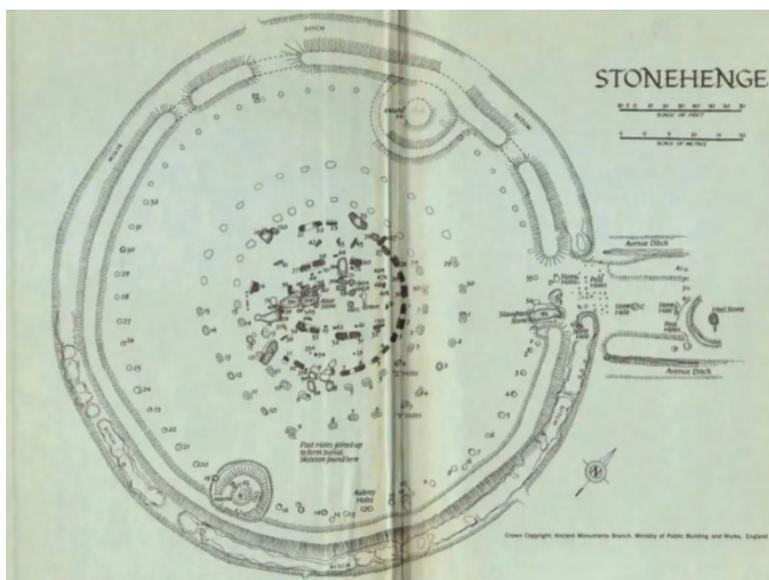


Figura 2 – O complexo de Stonehenge e os Aubrey Holes

Fonte: Hawkins (1965)

## 1.2 A luz do sol e a Igreja de Vera Cruz em Segóvia, Espanha

Sergio Berti, vice-presidente da *Associazione Architettura e Geobiologia Studi Integrati Italy*, em 2010, construiu um artigo analisando os padrões de luz e suas incidências



## 21 URUK E OS CÉUS: A CONSTRUÇÃO DE UMA HIPÓTESE

No período chamado Uruk Tardio (3500-3100 a.C.) a cidade de Uruk/Unug na antiga Suméria, Mesopotâmia, passou por um enorme crescimento urbano. Ao final de um processo que fagocitou zonas produtivas e vilarejos próximo, a cidade alcançou 250 hectares de extensão urbana, além de um raio de 15 quilômetros de subúrbio. Outro fator a ser observado seria o raio de influência territorial, totalizando 280 hectares com uma população estimada de oitenta a noventa mil pessoas. Nesse período, Uruk foi muito além de seus limites materiais, influenciando o comércio e se tornando um centro religioso poderoso. Ao longo desse processo, dois importantes bairros religiosos passaram por construções de caráter monumental, Eanna e An (ALGAZE, 2001; ALGAZE 2008; LIVERANI, 2006; OPPENHEIM 1977).

O objetivo deste momento é descrever o processo de construção e teste de uma hipótese que se utilizou da Arqueoastronomia para responder a seguinte pergunta de pesquisa, utilizada no trabalho de conclusão de curso do presente autor: “Como foi possível coordenar a força de trabalho para a realização das obras em Uruk entre 3500-3100 a.C.?” Partindo da premissa que, ao longo da história da Mesopotâmia, seus habitantes tinham sua cosmovisão balizada por uma religião imbricada na Astrologia/Astronomia (BAIGENT,2015; JACOBSEN,1976; ROCHBERG,2016; OPPENHEIM, 1977) buscou-se averiguar quais fenômenos astronômicos poderiam ter influenciado e/ou motivado as obras.

A hipótese construída se baseou, principalmente, na importância dos movimentos do planeta Vênus (entendido como a própria deusa Inanna) como uma espécie de calendário para determinar em que momentos as obras deveriam ser realizadas. Utilizando-se de obras mitológicas e as séries astronômicas/astrológicas Mul-apin, Enuma-anu-enlil e a Tábua de Vênus<sup>3</sup>, foram estipuladas as três seguintes possibilidades de fenômenos astronômicos: o aparecimento ou desaparecimento de Vênus no horizonte, as conjunções do planeta com outros astros (incluindo a ocultação pela lua) e o seu trânsito no sol. Através dessas ocorrências, estimava-se que poderia haver alguma regularidade de ocorrência que possibilitaria confirmar a hipótese.

Para confirmar a ideia, se utilizou o programa de projeção astronômica *Stellarium*, capaz de realizar uma diversidade de cálculos, assim como apresentar os céus do passado. Primeiro, determinou-se as coordenadas geográficas do sítio arqueológico de Uruk, assegurando que o horizonte projetado seria o correto para realizar os cálculos. Em um segundo momento iniciou-se os testes para averiguar o grau de recorrência dos fenômenos estipulados.

Quanto ao aparecimento e desaparecimento de Vênus no horizonte, verificou-se que o fenômeno apresenta grande variabilidade entre períodos de avistamento diurno, noturno ou a sua ausência no horizonte. Por conta dessa dinâmica, o planeta estaria em

<sup>3</sup> Observar o Anexo A para uma lista com as fontes primárias utilizadas.

diferentes posições no céu mesmo em períodos de colheita e plantio (momentos em que dificilmente obras ocorreriam), impossibilitando, assim, que esse fenômeno regulasse as atividades de construção. Observem, no quadro a seguir, a variabilidade dos períodos em que o planeta se encontra “invisível” no horizonte.

Ano	Período	Período	Período	Período	Intervalo	Intervalo 2
3500	01/01-21/02	22/02-07/06	08/06-31/12		3 meses+15 dias	
3499	01/01-06/02	07/02-16/02	17/02-11/10	12/10-31/12	9 dias	3 meses+12 dias
3498	01/01-24/01	25/01-25/08	26/08-23/09	24/09-31/12	27 dias	
3497	01/01-11/04	12/04-17/09	18/09-31/12		5 meses+5 dias	
3496	01/01-15/04	16/04-05/05	06/05-25/12	26/12-31/12	19 dias	3 meses+3 dias
3495	01/01-29/03	30/03-16/11	17/11-05/12	06/12-31/12	18 dias	
3494	01/01-05/07	06/07-27/11			4 meses+21 dias	
<b>Legenda:</b>	Vênus Noturna	Vênus “Invisível”	Vênus Diurna			

Quadro 1 – Relação entre a visibilidade de Vênus entre 3500-3494 a.C.

Fonte: O autor (2020); Stellarium (2020)

As conjunções (quando para o observador os astros parecem se aproximar) são muito difíceis de estipular, pois não há como saber quando uma aproximação aparente era considerada conjunção no período estudado. Tal fator é um complicador para os cálculos do programa, visto que o pesquisador deve indicar uma variável de distância para que o sistema acuse uma conjunção ao longo de “x” anos. Para evitar esse problema, o intervalo entre 3500-3495 a.C. teve suas conjunções construídas a partir dos meses nos quais os planetas começavam a se aproximar e finalizadas quando o afastamento era extenso (início, metade e final). Contabilizou-se 13 conjunções possíveis de Vênus com outros quatro planetas visíveis a olho nu: Mercúrio, Marte, Júpiter e Saturno. Adianta-se que, por conta da dificuldade de assumir o que seria uma conjunção ou não, assim como o peso que essas teriam naquele período, considerou-se um fenômeno muito fraco para regularizar as

atividades de construção. O quadro a seguir demonstra quatro momentos de conjunção e suas respectivas durações aproximadas:

	Conjunção 1	Conjunção 2	Conjunção 3	Conjunção 4
<b>3500</b>	Vênus-Marte	Vênus-Mercúrio	Vênus-Saturno	Vênus-Júpiter-Saturno
<b>Duração</b>	Início de Mar>Final de Abr	Início de Ago>Metade de Ago	Metade de Ago>Início de Set	Final de Ago>Início de Set
<b>3499</b>	Vênus-Marte	Vênus-Marte-Saturno	Vênus-Júpiter-Marte-Saturno	Vênus-Júpiter
<b>Duração</b>	Início de Mai>Início de Jul	Início de Jun>Início de Jul	Metade de Jun>Início de Jul	Início de Out>Metade de Nov
<b>3498</b>	Vênus-Marte	Vênus-Marte-Mercúrio	Vênus-Marte	
<b>Duração</b>	Início de Fev>Início de Abr	Metade de Fev>Início de Abr	Final de Abr>Início de Mai	
<b>3497</b>	Vênus-Saturno	Vênus-Mercúrio-Saturno		
<b>Duração</b>	Final de Set>Final de Out	Final de Set>Metade de Out		
<b>3496</b>	Vênus-Mercúrio	Vênus-Saturno	Vênus-Júpiter	Vênus-Marte-Júpiter
<b>Duração</b>	Início de Abr>Final de Abr	Início de Jul>Início de Ago	Início de Set>Início de Out	Final de Dez>Final de Jan
<b>3495</b>	Vênus-Júpiter	Vênus-Mercúrio	Vênus-Marte-Júpiter	Vênus-Marte
<b>Duração</b>	Final de Jan>Metade de Fev	Metade de Mai>Final de Mai	Final de Nov>Metade de Dez	Metade de Dez>Início de Jan
<b>3494</b>	Vênus-Marte	Vênus-Marte-Mercúrio	Vênus-Saturno	Vênus-Mercúrio-Saturno
<b>Duração</b>	Metade de Jul>Início de Out	Início de Ago>Final de Ago	Final de Out>Início de Dez	Final de Nov>Final de Dez

Quadro 2 – Relação de conjunções planetárias entre Vênus (3500-3494 a.C.)

Fonte: O autor (2020); Stellarium (2020)

Associado ao fenômeno de conjunção, a ocultação de Vênus pela Lua ocorre quando o brilho aparente do satélite natural ofusca o do planeta. Essa ocorrência é rara, podendo ocorrer em intervalos de cinco a mais de dez anos, fazendo com que o fenômeno se torne um candidato para estímulos interpretativos por parte dos antigos mesopotâmicos. Ainda assim, a questão da ausência de regularidade na ocorrência faz com que esse fenômeno seja descartado como calendário para as atividades de construção.

Por último, o trânsito de Vênus no céu talvez seja o mais dúbio para a aplicação nesta hipótese. Ele ocorre quando Vênus diurna atravessa o brilho do sol fazendo com que o observador veja um ponto escuro passando pelo sol. Dois problemas balizam esse

fenômeno: primeiro, não há como afirmar que esse evento era atestado, ou mesmo que se entenderia que o ponto escuro seria Vênus; segundo, é uma ocorrência muito rara, acontece em pares de oito anos. Porém, após o par, é necessário esperar de 105-121 anos para uma nova ocorrência. Isso acontece porque Vênus, em 16 anos, moveu-se entre 40'/48' (minutos de arco) e o disco solar concebe apenas 32'. Dessa forma, até a Terra, Vênus e o Sol alcançarem alinhamento aparente leva pelo menos um século (NUCLIO, 2009). Esse fenômeno ocorreu, por exemplo, no par 3516 e 3508 a.C. no horizonte de Uruk.

A consequência dessas análises foi o descarte da hipótese inicialmente construída. Em razão disso, defendeu-se que este calendário de obras era baseado nos ciclos de plantio, germinação e colheita dos gêneros alimentícios mais cultivados. Ainda assim, ao atestar a ocorrência dessa diversidade de fenômenos, foi possível argumentar que esses eventos, muito provavelmente, motivavam a cosmovisão dos indivíduos associados à “Fusão de Uruk”, possibilitando que os sacerdotes interpretassem esses eventos e criassem conclusões preditivas com diferentes processos de divinação.

### 3 | CONCLUSÃO

A partir da discussão conceitual e a apresentação de exemplos, se almeja incentivar o leitor para o estudo da Arqueoastronomia como uma forma de gerar hipóteses para além de fontes mais tradicionais da historiografia. Como podemos observar através dos trabalhos de Lockyer e Hawking, devemos ter um enorme cuidado teórico na construção das teses antes de aplicar uma metodologia que calculará as variáveis astronômicas – não somente para evitar uma armadilha interpretativa, mas também para não levar a cabo uma série de atividades dispendiosas que poderiam ter sido evitadas.

Recomenda-se, primeiro, que se pesquise através de fontes primárias e em outros trabalhos a própria existência de uma preocupação ou contato que o objeto de estudo poderia ter com práticas Astrológicas/Astronômicas (dessa forma evita-se fazer o que Hawking realizou com os bretões, assumindo determinadas premissas não atestáveis). Em um momento seguinte, averiguar especificamente que fenômenos podem ser analisados, seja a associação dos eixos de uma construção com movimentos astronômicos, ou a tentativa de averiguar quais eventos poderiam ter influenciado determinada comunidade em um período específico. A etapa seguinte seria obter ferramentas capazes de fornecer os dados desejados para análise posterior. No momento da produção de dados, é de extrema importância um cuidado com a precisão desses, portanto, é imperativo averiguar o ângulo do eixo terrestre para o período estudado, assim como os ângulos em que os astros “nascem” e “se põem” no horizonte (o termo específico é “amplitude”), para que apenas eventos observáveis sejam atestados.

Por último, interpretar os dados e averiguar se a hipótese se mantém ou se é demasiada frágil para a defesa de um argumento. No segundo caso, é uma responsabilidade

científica admitir o fato e assumir plena consciência de que aquelas informações não devem ser passadas como afirmação. Ainda que seja muito proveitoso desenvolver uma ideia que se assente teórica e praticamente, é também importante que elas sejam testadas e descartadas quando necessário, pois o próximo pesquisador observará o panorama e não repetirá os cálculos, mas sim aprimorará a hipótese ou fundará um nova.

## REFERÊNCIAS

ALGAZE, Guillermo. **Ancient Mesopotamia at the Dawn of Civilization: The Evolution of an Urban Landscape**. Chicago: The University of Chicago Press, 2008. Disponível em <https://www.scribd.com/read/22730948/Ancient-Mesopotamia-at-the-Dawn-of-Civilization-The-Evolution-of-an-Urban-Land>ALGAZE Escape. Acesso em: 2 jul. 2020.

ALGAZE, Guillermo. **Initial Social Complexity in Southwestern Asia: The Mesopotamian Advantage**. *Current Anthropology*, volume 42, number 2, 2001. Disponível em <https://www.scribd.com/document/403022760/Initial-Social-Complexity-in-Southwestern-Asia-by-Guillermo-Algaze>. Acesso em: 2 jul. 2020.

AVENI, Anthony Francis. *Archaeoastronomy*. Em: SCHIFFER, Michael B.(org.) **Advances in Archaeological Method and Theory**. New York: Academic Press, volume 4. 1981. Disponível em: <https://www.scribd.com/read/282615807/Advances-in-Archaeological-Method-and-Theory-Volume-4>. Acesso em: 5 abr. 2021.

BAIGENT, Michael. **Astrology in Ancient Mesopotamia: The Science of Omens and the Knowledge of the Heavens**. Toronto: Bear & Company, 2015. Disponível em <https://www.scribd.com/read/351487127/Astrology-in-Ancient-Mesopotamia-The-Science-of-Omens-and-the-Knowledge-of-the-Heavens#>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BERTI, Sergio. **Archeoastronomy: preliminary hypothesis about the archeoastronomical characteristics of La Vera Cruz church in Segovia**. 2010. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/42318936/Article-Archeoastronomy-Preliminary-Hypothesis-About-the-Archeoastronomics-Characteristics-of-La-Vera-Cruz-Church-in-Segovia>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BOBRICK, Benson. **The Fated Sky: Astrology in History**. New York: Simon & Shuster, 2005. Disponível em: <https://www.scribd.com/read/225096838/The-Fated-Sky-Astrology-in-History>. Acesso em: 2 jul. 2020.

BROSCH, Noah. **Thinking about Archeoastronomy**. Tel Aviv: The Wise observatory and the Raymons and Beverly Sackler School of Physics and Astronomy, 2010. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/383567267/Thinking-about-Archeoastronomy-pdf>. Acesso em: 5 abr, 2021.

HAWKINGS, Gerald S. **Stonehenge Decoded**. New York: Doubleday & Company, 1964. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/418125873/Hawkins-Gerald-S-Stonehenge-decoded-pdf>. Acesso em 6 abr, 2021.

JACOBSEN, Thorkild. **The Treasures of Darkness: A History of Mesopotamian Religion**. London: Yale University Press, 1976. Disponível em <https://www.scribd.com/doc/214330517/Thorkild-Jacobsen-The-Treasures-of-Darkness-A-History-of-Mesopotamian-Religion-1-Scan-pdf>. Acesso em: 2 jul. 2020.

KRUPP, E. C. *Sky Tales and Why We Tell Them*. Em: SELIN, Helaine; XIAOCHUN, Sun (org.) **Science Across Cultures: The History of Non-Western Science**. Springer Science+Business Media Dordrecht, 2000.

LIVERANI, Mario. **Uruk: The First City**. London: Equinox, 2006. Disponível em <https://www.scribd.com/doc/148323169/Uruk-The-First-City-Mario-Liverani>. Acesso em 2 jul. 2020

LOCKYER, J. Norman. **The Dawn of Astronomy: a study of the temple-worship and mythology of the ancient egyptians**. London, Paris e Melbourne: Cassel and Company Limited, 1984. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/87833806/Joseph-Norman-Lockyer-The-Dawn-of-Astronomy>. Acesso em: 5 abr, 2021.

NUCLIO, Núcleo Interativo de Astronomia. **A Dinâmica dos Trânsitos de Vênus**. 2001. Disponível em [https://vintage.portaldoastronomo.org/tema\\_pag.php?id=5&pag=1](https://vintage.portaldoastronomo.org/tema_pag.php?id=5&pag=1). Acesso em 2 jul. 2020.

OPPENHEIM, A. Leo. **Ancient Mesopotamia: Portrait of a dead Civilization**. Chicago: University of Chicago Press, 1977. Disponível em <https://www.scribd.com/read/307527587/Ancient-Mesopotamia-Portrait-of-a-Dead-Civilization>. Acesso em: 2 jul. 2020.

ROCHBERG, Francesca. **Before nature: cuneiform knowledge and the history of science**. Chicago: The University of Chicago Press, 2016. Disponível em <https://www.scribd.com/read/334449336/Before-Nature-Cuneiform-Knowledge-and-the-History-of-Science>. Acesso em: 2 jul. 2020.

SWERDLOW, Noel M. **The Babylonian Theory of the Planets**. New Jersey: Princeton University Press, 1998. Disponível em <https://www.scribd.com/read/285495942/The-Babylonian-Theory-of-the-Planets>. Acesso em 2 jul. 2020.

<b>Categoria</b>	<b>Documento</b>	<b>Origem</b>
Fontes Religiosas	Épico de Gilgamesh	ETCSL, 2020 (GEORGE, 1999); JASTROW, 2017
Fontes Religiosas	Enki e o Ordenamento do Mundo	ETCSL, 2020 (KRAMER, 1989)
Fontes Religiosas	Um Hino à Inana	ETCSL, 2020 (GELLER, 2002)
Fontes Religiosas	A Exaltação à Inana	ETCSL, 2020 (KRAMER, 1969)
Fontes Religiosas	Inana e An	ETCSL, 2020 (VAN DJIK, 1998)
Fontes Religiosas	Um <i>šir-namšub</i> à Inana	ETCSL, 2020 (KRAMER, 1963)
Fontes Religiosas	Um <i>Tigi</i> à Inana (Dumuzi-Inana H)	ETCSL, 2020 (JACOBSEN, 1987)
Fontes Religiosas	Um <i>Balbale</i> à Inana (Dumuzi-Inana D)	ETCSL, 2020 (JACOBSEN, 1987)

Fontes Religiosas	Um Balbale à Inana (Dumuzi-Inana B)	ETCSL, 2020 (JACOBSEN, 1987)
Fontes Religiosas	A Bênção do Noivo	JACOBSEN, 1976
Fontes Religiosas	A Descida de Inana ao Submundo	ETCSL, 2020 (JACOBSEN, 1987)
Fontes Religiosas	Um Poema de Louvor de Anam	ETCSL, 2020 (FALKENSTEIN, 1963)
Fontes Astrológicas	<i>Enuma-Anu-Enlil</i>	OPPENHEIM, 1977; BOBRICK, 2005; BAIGENT, 2015; ROCHBERG, 2016
Fontes Astrológicas	<i>Mul-apin</i>	OPPENHEIM, 1977; BOBRICK, 2005; BAIGENT, 2015; ROCHBERG, 2016
Fontes Astrológicas	Tábua de Vênus	OPPENHEIM, 1977; BOBRICK, 2005; BAIGENT, 2015; ROCHBERG, 2016

ANEXO A – Relação de documentos escritos utilizados e origem

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arqueoastronomia 4, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 162

### B

Bernard Lahire 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71

### C

Catolicismo 4, 17, 116, 124, 125, 130, 131

Charges 3, 1, 9, 13

Conflitos 27, 37, 38, 39, 41, 43, 45, 52, 76, 87, 97

Conservadorismo 116, 120, 126, 127

Covid-19 3, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 12, 13, 20

### D

Dom Augusto Álvaro da Silva 4, 128, 129, 130, 132, 134, 139, 140, 141

Dom Emanuel Gomes de Oliveira 4, 104, 105, 106, 111, 112, 114, 115

### E

Espanha 116, 118, 123, 124, 157, 158

Eucalipto 37, 43, 44

### F

Fenômeno Religioso 62, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 71

### G

Goiás 16, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115

### H

História Antiga 152

História oral 37, 39, 47

Historiografia 4, 50, 51, 116, 162, 166, 167, 179, 180, 184, 196, 197, 198, 200

### I

Igreja Católica na Bahia 128, 141

interseccionalidade 28

Interseccionalidade 28

### J

Jurisprudência trabalhista 28

## **M**

Memória 3, 5, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 110, 112, 113, 167, 168, 190

Mesopotâmia 152, 159

Mídia 15, 20, 25, 26, 134, 177

Modernidade 4, 26, 65, 66, 80, 116, 117, 119, 121, 123, 125, 127

## **P**

Pandemia 3, 1, 3, 4, 5, 7, 11, 13, 14, 15, 19, 21, 23, 43, 47

Pluralismo 3, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 74, 75

Política 4, 15, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 52, 56, 57, 61, 83, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 109, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 136, 137, 168, 177, 178, 183, 188, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203

## **Q**

Quilombo 37, 38, 40, 41, 42, 43, 45, 46

## **R**

Religião 15, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 85, 86, 93, 120, 121, 122, 130, 131, 141, 152, 159, 177

Representações 3, 1, 2, 6, 7, 13, 14, 38, 87, 89, 114, 167, 172, 175, 184, 200, 201

Restauração Católica 105, 128, 129, 139, 140, 141

Revendedoras de cosméticos 3, 28, 29, 30, 32, 34, 36

Revolução de 1930 128, 129, 130, 133, 134, 138, 140, 141

## **S**

Scientific Discourse 4, 143, 144, 145, 146, 149, 150

Scientific law 143, 144, 145, 146, 147, 149

Semiotics 143, 144

## **T**

Testamento 4, 42, 43, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021



# CHAVE DE COMPREENSÃO DA HISTÓRIA:

Cultura &  
identidades

2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021